



DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA 20 DE NOVEMBRO DE 2009

A comemoração do Dia da Consciência Negra na FACCAMP ficou por conta da turma do 4º semestre de História, que se dividiu em grupos para apresentação de temas pertinentes sobre o assunto. Começou com depoimentos em vídeo feito e apresentado pelo primeiro grupo que nos mostrou o grau de consciência de uns e o de alienação de outros a respeito da importância do evento.

Comemorar o Dia Nacional da Consciência Negra nessa data não é apenas uma forma de homenagear e manter viva em nossa memória essa luta histórica, e sim discutir temas de extrema relevância como o preconceito, as cotas nas universidades e a lei 10.639, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira na formação da sociedade nacional. A pesquisa foi muito bem apresentada e os debates suscitaram questões polêmicas sobre a formação dos professores nessa área e, principalmente, daqueles que já se encontram na rede de ensino e não se prepararam para tal.

Outro tema interessante foi sobre o tráfico negreiro, apresentando visões diferenciadas sobre a diáspora. O fluxo e o refluxo, ou seja, a volta de muitos negros à África através das visões do etnólogo Pierre Verger, historiadores como Reginaldo Brandi, Marina de Mello e Souza e outros, nos dá uma ideia clara da importância religiosa na questão da identidade dos povos que lá ficaram e dos que aqui permaneceram. Suas pesquisas sobre o Candomblé e outras religiões, são fundamentais para a compreensão da cultura de resistência nos continentes.

O terceiro tema apresentado foi sobre o Quilombo Cafundó, seu significado singular pelo seu dialeto (a Cupópia) falado pelos mais velhos e condenada ao desaparecimento gradual, uma vez que os mais jovens se recusam a perpetuar o idioma, alegando vergonha e desinteresse. Ao que tudo indica, o papel social da "língua africana do Cafundó" está relacionado com o que se pode chamar de "uso ritual", no mesmo sentido em que outras manifestações culturais de origem africana continuaram a existir no Brasil em várias comunidades negras (candomblé, congo, capoeira, etc.).

A questão da terra também é um capítulo à parte. Várias comunidades quilombolas encontram grandes dificuldades para garantir sua sobrevivência, apesar do reconhecimento

do INCRA. Muitos continuam lutando pela posse física de suas terras, que continuam ocupadas por terceiros, cujas propriedades já se encontravam devidamente documentadas antes do reconhecimento, limitando as possibilidades da produção agrícola e de geração de renda.

Finalmente, a comemoração terminou com um manifesto publicado no jornal "O Pêndulo", da cidade de Campo Limpo Paulista, redigido e lido pelo último grupo a se apresentar. Mais uma vez, avaliando as desigualdades raciais existentes, o Brasil continua sendo um país racista, preconceituoso e discriminador. Como diria o historiador carioca Flávio Gomes, *"Os movimentos sociais escolheram essa data para mostrar o quanto o país está marcado por diferenças e discriminações raciais. Foi também uma luta pela visibilidade do problema. Isso não é pouca coisa."*

Esperamos que eventos como este, sejam cada vez mais divulgados, tanto na comunidade universitária como na sociedade como um todo, afinal, não se trata de mais um feriado, e sim, de uma oportunidade de reflexão e discussão a respeito das condições de vida da população negra brasileira.